

A RELAÇÃO ENTRE OS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM E PACIENTES TERMINAIS: A INFLUÊNCIA DA COMUNICAÇÃO

Bruna Silva Leite¹; Christien Aurélio¹; Julia Tavares Barbosa¹; Louise Theresa Abreu¹; Thalita Breda Vettori¹; Thiago Purger de Castro¹; Cintia Fassarella²

¹ Acadêmicos de Enfermagem do 5º Período do Curso de Enfermagem e Licenciatura da Universidade Federal Fluminense.

² Mestre em Centro de Educação e Humanidades pela UERJ. Professora Substituta da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa / UFF. Professora Adjunta Mestre I do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade do Grande Rio - Prof. José de Souza Herdy – UNIGRANRIO. Enfermeira da SES/ RJ – Instituto Estadual de Cardiologia Aloysio de Castro.

RESUMO

A morte é um processo natural que está presente em nosso cotidiano e principalmente dentro das instituições hospitalares. A comunicação é uma necessidade humana básica e é fundamental para que o enfermeiro mantenha boa relação com o paciente terminal e seus familiares, sendo capaz de avaliar cada caso. Trata-se de uma pesquisa qualitativa bibliográfica, onde buscou-se analisar os significados atribuídos à comunicação de enfermeiros com clientes em estágio terminal. Os enfermeiros e a equipe são aqueles que estão mais próximos do paciente, devendo aprender a modelar seus sentimentos afim de melhorar a relação de comunicação e tornando assim, o contato profissional-paciente, mais acessível. Os pacientes e as famílias precisam de assistência continuada: orientar o paciente uma vez, não é ensino e ouvir suas palavras, não é o mesmo que escutar ativamente e de fato, senti-los. Observou-se que, apesar de compreenderem a importância da comunicação, os enfermeiros consideram-se mal preparados para dispensar esse cuidado mais completo.

Palavras-chave: Enfermagem, morte e comunicação.

INTRODUÇÃO

A motivação para a realização deste trabalho surgiu a partir da disciplina Enfermagem na Saúde do Adulto e do Idoso II que é ministrada no 5º período do Curso de Graduação de Enfermagem da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade. A disciplina aborda em suas aulas, conteúdos relacionados à anatomia e fisiopatologia do organismo humano, assim como os cuidados que o enfermeiro deve oferecer à pacientes com determinadas patologias e medidas de educação em saúde que devem ser tomadas para a profilaxia de tais patologias. Seus principais objetivos são fornecer conhecimentos para os alunos, afim de que estes tenham preparo para atuação no centro cirúrgico, sistematizar o plano assistencial para os adultos e idosos no período perioperatório e desenvolver o estudo da Tanatologia e a enfermagem.⁽¹⁾

O termo tanatologia deriva do grego *Thanatos* que é considerado o Deus da morte e logos que significa estudo.⁽²⁾ Trata-se de uma ciência interdisciplinar, originada nos Estados

Unidos, cujo foco é o estudo da morte e do morrer.⁽³⁾ Esta ciência se ocupa de estudar todos os assuntos médico-legais relacionados à morte, além dos aspectos biológicos e sociais que envolvem o processo do morrer.

A morte é um processo natural biológico e social que está presente em nosso cotidiano independente de suas formas e causas, está presente principalmente dentro das instituições hospitalares e demais unidades de saúde.⁽⁴⁾

O ser humano é o único ser que tem consciência de sua finitude, porém poucos são capazes de falar abertamente sobre o assunto. Pode-se dizer que em nossa sociedade a morte ainda é um tabu, por ser um assunto de difícil discussão e por desencadear diversas reações emocionais como a angústia e o próprio medo da destruição do corpo, do seu eu. Essas sensações e sentimentos podem ser vivenciados tanto pela pessoa que está morrendo quanto pelas pessoas que estão a sua volta.

O enfermeiro é um elemento essencial nesse contexto. É de extrema que o profissional de saúde esteja devidamente preparado para lidar com pacientes que se encontrem nessa circunstância. Ele deve estar sempre por perto identificando as necessidades desse indivíduo. Para isso é importante que o enfermeiro tenha em mente que uma comunicação continuada com o paciente e familiares é imprescindível.

A comunicação é um instrumento essencial para estabelecer relações de confiança, entre o enfermeiro, o paciente e seus familiares. O enfermeiro deve procurar estabelecer uma boa relação com o paciente terminal, e seus familiares, sendo capaz de ouvir-lhes reconhecendo os seus sentimentos, medos, angústias e entender as suas necessidades físicas e psicológicas. Além de dar todo apoio emocional para o paciente e sua família, o enfermeiro deve ter conhecimento acerca dos processos biológicos e sociais que envolvem a morte e estar preparado para lidar com pacientes em estágio terminal, entendendo a importância de uma comunicação contínua, visando à melhoria da qualidade de vida. Isso é possível através da elaboração da assistência de enfermagem e da realização de uma assistência efetiva.

Esse estudo tem como objetivo, servir como instrumento de pesquisa e reflexão para profissionais da saúde, especialmente aos enfermeiros e acadêmicos de enfermagem, afim de que estes adquiram conhecimento e entendam a importância de uma comunicação continuada entre o profissional e o paciente em estágio terminal e sua família.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa bibliográfica, onde buscou-se analisar os significados atribuídos à comunicação de enfermeiros com clientes em estágio terminal. Utilizamos o livro Tratado

de Enfermagem Médico-Cirúrgica 11ª Ed e realizamos pesquisa nas seguintes bases de dados científicas Medline, Scielo e Lilacs, usando os descritores: enfermagem, morte e comunicação.

Partindo desses critérios, foram selecionados 4 (quatro) artigos que tinham relação com a comunicação de enfermeiros com os pacientes terminais e seus familiares. Todos os artigos encontram-se disponíveis na íntegra online.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É errônea a suposição de que não há mais nada a se fazer pelo paciente sem possibilidades de cura: enquanto há vida, existe a necessidade do cuidado de enfermagem. Porém, um dos maiores problemas enfrentados hoje, pelas enfermeiras, é ver que apesar de todos seus esforços em salvar vidas, acabam presenciando a morte de alguns de seus pacientes. Embora não exista uma forma de se contornar esta situação, os enfermeiros podem ter um efeito significativo, eficaz e duradouro, sobre a forma com a qual os pacientes vivem até a morte e sobre as memórias da morte para as famílias.

Nota-se que a falta de vontade em nossa cultura, para conversar sobre o processo da fase terminal está atrelada ao nosso desconforto com a noção de determinadas mortes.⁽⁵⁾

A população em geral tem negado a morte, e na profissão de enfermagem, cuja formação esta focada em salvar vidas, não é diferente. Vivemos em um ambiente o qual é caracterizado por uma cultura que não problematiza a morte. Tal atitude é vista como despreparo para lidar com o tema e falta de enfrentamento, fazendo com que se tenha maior dificuldade em lidar com ela, tanto no que diz respeito aos profissionais que trabalham ligados à morte, como também às pessoas em geral. Em algumas culturas os sentimentos aflorados pela palavra morte são tão intensos, que esta não deve nem ser pronunciada. Por si só ela causa medo, fuga e espanto.⁽⁶⁾

Ao se refletir sobre a finitude da vida começamos a nos descobrirmos finitos, passando a compreender melhor a finitude do outro. Em consequência a isso, deixamos de encarar a morte como um fracasso de nossa profissão e passamos a encará-la como um processo natural e destinado a todos.⁽⁶⁾

As academias formadoras de profissionais da saúde devem preparar estes profissionais para que, além de serem tecnicamente competentes, sejam capazes de compreender e lidar com seus próprios sentimentos, possibilitando seu uso de modo deliberado e humanamente sofisticado. Dentro disto, deve-se abordar à questão do suporte oferecido pelos docentes supervisores aos acadêmicos que vivenciaram a morte em campo de estágio e de ensino teórico-prático. Quando o docente supervisor proporciona um esclarecimento sobre o processo morte-morrer, enriquece o conhecimento do acadêmico acerca de tal processo. Portanto, torna-se de extrema importância que os docentes realizem momentos de reflexão e supervisão após as experiências de morte vivenciadas pelos acadêmicos para que estes se sintam mais seguros e preparados para lidar futuramente com tal ocorrência.⁽⁶⁾

Deixar de lado crenças religiosas e preconceitos em relação à morte, proporcionando suporte emocional a quem necessita, auxilia na visualização de um paciente terminal como sujeito de sua

própria vontade e com direito à uma morte digna. Tal aspecto é o que preconiza a assistência de enfermagem humanizada.⁽⁶⁾

Quando os pacientes não possuem mais possibilidade de cura, a equipe passa por momentos de frustração e sofrimento, não sabendo como agir frente a essa situação. Os profissionais de enfermagem tem se mostrado cada vez mais consciente de sua responsabilidade e da necessidade de mudança, sobretudo quando a temática em questão é o *processo de morrer*.⁽⁷⁾

Os profissionais acabam associando sua própria morte e/ou de seus parentes a dos pacientes, vivenciando o processo de morrer como perda, angústia, sofrimento, exigindo um acompanhamento psicológico que deveria ser acessível a todos os profissionais de enfermagem. O preparo para o enfrentamento da morte deve acontecer desde a formação, discentes e docentes devem conversar abertamente sem tabus.⁽⁷⁾

É importante que esse círculo vicioso de acreditar que não estamos preparados para falar, refletir e discutir sobre a morte seja desfeito. Isso é possível através de um questionamento do ensino/aprendizagem, reformulação de currículos, desfragmentação de conteúdos. Tanto os discentes quanto os docentes devem perceber a existência humana em sua singularidade e pluralidade e assim, serão profissionais verdadeiramente qualificados para a assistência.⁽⁷⁾

Uma vez que relacionar-se é estar com o outro, fazendo uso da comunicação verbal e não-verbal para emitir e receber mensagens, a comunicação, entendida pelos pacientes como conversa, também é destacada como de grande importância.³ Deve ocorrer uma reelaboração do sentido de cuidar do homem, que tem entre vários horizontes de possibilidades, a única certeza: a morte.⁽⁸⁾

A partir daí quando o profissional entende o processo de morrer a comunicação ocorre da maneira adequada favorecendo o bem estar do paciente diante desta fase.

Estar frente à morte e encará-la em nossos pacientes, revela nossos próprios medos. Estudos recentes mostram que enfermeiros que trabalham com pacientes terminais sem possibilidade de cura, consideram a comunicação um recurso terapêutico importante e efetivo, porém tem dificuldade em estabelecer essa relação de comunicação, achando-se mal preparados para esse processo.⁽⁹⁾

A causa para a não efetividade do processo de comunicação é causado pelo fato dos profissionais acharem que não sabem trabalhar os sentimentos numa situação de morte iminente. Contudo, os enfermeiros e a equipe são aqueles que estão mais próximos do paciente, devendo aprender a modelar seus sentimentos de maneira a melhorar a relação de comunicação e tornando assim, o contato profissional-paciente, mais acessível.

Recentes estudos brasileiros indicam que, embora os enfermeiros que trabalham com pacientes sem possibilidades de cura considerem a comunicação com o paciente terminal um recurso terapêutico importante e efetivo, encontram dificuldades em estabelecer um processo comunicativo eficaz, percebendo-se mal preparados neste aspecto.⁽⁹⁾

A comunicação é uma necessidade humana básica é um processo contínuo que torna a existência do ser humano, um ser social. Portanto, o enfermeiro deve ser capaz de captar as mensagens emitidas e de interpretá-las, e buscar compreender as particularidades e necessidades de cada indivíduo, a fim de estabelecer um relacionamento fundamentado na confiança e respeito mútuo.⁽¹⁰⁾

O enfermeiro, portanto, deve enxergar a família como parte do processo de assistência ao cliente, buscando através da comunicação objetiva, clara e sincera compreender, aceitar e cuidar da família, tendo-a como uma aliada nesse processo. Os pacientes e as famílias precisam de assistência continuada: orientar o paciente uma vez, não é ensino e ouvir suas palavras, não é o mesmo que escutar ativamente e de fato, senti-los.⁽¹⁰⁾

Para os familiares, a comunicação com os profissionais habilitados após o óbito de um componente familiar, é de fundamental importância. Estes profissionais exercem um importante papel junto a cônjuges, parentes e amigos enlutados. Caso ocorra o falecimento do indivíduo, deve-se encorajar a expressão de sentimentos. Caso contrário é provável que este sentimento seja expresso de um modo mais intenso, posteriormente. A aceitação e as consequências de uma perda serão mais favoráveis se o entulado puder interagir com outros que compartilhem e empatizem dos mesmos sentimentos.⁽¹¹⁾

Deve-se compreender que através da comunicação, se inicia o processo de entender o outro, suas necessidades, limitações e medo, buscando um olhar holístico e uma assistência personalizada. O grupo familiar atua com forte influência direta na forma de viver dos clientes, representando força e vulnerabilidade.

Através da comunicação entre os pacientes-profissionais-familiares, pode-se encontrar meios para fornecer momentos menos desconfortáveis e dolorosos. Isso favorece por vezes, melhoras significativas em seus quadros. Não se pode contornar um diagnóstico de doença terminal, mas existe a possibilidade de trazer a este paciente e sua família, mais orientação e conforto nos momentos que lhe restam.

CONCLUSÃO

Enfermeiros que lidam com pacientes terminais afirmam que os cuidados de enfermagem (incluindo o estabelecimento da comunicação profissional-paciente-familiares) são essenciais para melhorar a qualidade da assistência a esses indivíduos. A comunicação é uma das necessidades humanas básicas, um processo contínuo da existência do ser humano. O enfermeiro, visando oferecer cuidados humanizados tanto para o paciente quanto para os entes queridos, deve estabelecer uma comunicação efetiva em sua assistência.

Estudos mostram que, além dos profissionais e pacientes, os familiares de indivíduos em estágio terminal identificam e relatam a importância da comunicação estabelecida nesse momento difícil. A família tem grande influência nas percepções dos pacientes, representando força e vulnerabilidade. Portanto, o enfermeiro, através de uma comunicação objetiva, clara e sincera, deve

acolher da melhor forma possível esses familiares, tornando-os componentes fundamentais da assistência ao paciente.

Porém, apesar de compreenderem a importância da comunicação, os profissionais de enfermagem não se consideram suficientemente preparados para dispensar esse cuidado mais completo no processo de morrer, não estabelecendo uma comunicação adequada.

Por não se considerarem preparados para enfrentar tal momento, os profissionais postergam reflexões e discussões sobre o assunto. Discussões essas que poderiam contribuir para que os tornassem mais preparados para o enfrentamento da morte. Com isso, forma-se um círculo vicioso, o qual deve ser desfeito através de um processo de reconstrução que envolva tanto os profissionais quanto os docentes e acadêmicos de enfermagem.

O meio acadêmico muito tem a contribuir nesse processo através de questionamentos às formas de ensino/aprendizagem e reformulação de currículos. Tais intervenções possibilitarão novas percepções, contribuindo para maior segurança e humanização no estabelecimento da comunicação, nos cuidados, na relação paciente-profissional-familiares.

Sabe-se que a relação entre os profissionais de enfermagem e pacientes terminais afeta de forma significativa suas vivências, tal como as de seus familiares e amigos. Porém, no decorrer do desenvolvimento do presente trabalho, observou-se que são poucos os estudos que abordam a relação entre enfermeiros e pacientes terminais, além de não terem sido encontrados estudos que determinasse de forma detalhada satisfatória as potenciais influências da comunicação nesta relação.

Assim, acreditamos que seja necessária a realização de estudos mais aprofundados nesta temática para que possamos melhor compreender as influências da comunicação na relação entre profissionais de enfermagem e pacientes terminais.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Sobre ESAI II. Disponível em: <<http://www.proac.uff.br/esai2/sobre-esai-ii>>. Acesso em: [26/11/2011]
2. AGRA, Lúcia Márcia Cruz; ALBUQUERQUE, Luciana Herdy Machado de. Tanatologia: uma reflexão sobre a morte e o morrer. Maceió, ano 1, n. 2, janeiro de 2008. Disponível em: <<http://www.pesquisapsicologica.pro.br>>. Acesso em: [21/11/2011].
3. BOUSSO, Regina Szylit; POLES, Kátia; ROSSATO, Lisabelle Mariano. Desenvolvimento de conceitos: novas direções para a pesquisa em tanatologia e enfermagem. Revista da Escola de Enfermagem da USP ;2009 ; 43(Vol. Esp 2): 1331-6.
4. BRÊTAS, José Roberto Da Silva; OLIVEIRA, José Rodrigo; YAMAGUTI, Lie. Reflexões de Estudantes de Enfermagem Sobre Morte e o Morrer. Revista da Escola de Enfermagem da Usp Vol.40 No.4 São Paulo Dec. 2006.
5. ARAÚJO MMT, Silva MJP. Communication with dying patients: perception of ICU nurses in Brazil. J Clin Nurs. 2004;13(2):143-9.

6. BERNIERI, J; HIRDES, A; *O preparo de acadêmicos de enfermagem brasileiros para vivenciarem o processo de morte-morrer*; Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2007 Jan-Mar; 16(1): 89-96
7. SANTOS, J.L; BUENO, S.M.V. A Questão da Morte e os Profissionais de Enfermagem. Rev. enferm. UERJ, Rio de Janeiro, 18(3):484-7, jul/set, 2010. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v18n3/v18n3a26.pdf>> Acesso realizado em 09 de setembro de 2011.
8. Pinho LMO, Barbosa MA. A morte e o morrer no cotidiano de docentes de enfermagem. Rev enfermagem UERJ. 2008; 16:243-8. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAgyUAB/a-morte-morrer-no-cotidiano-estudantes-enfermagem>> Acesso realizado em 21 de novembro de 2011.
9. ARAÚJO MMT, Silva MJP. A comunicação com o paciente em cuidados paliativos:valorizando a alegria e o otimismo. Rev Esc Enferm USP 2007; 41(4):668-74. www.ee.usp.br/receusp/
10. RODRIGUES M.V.C.; FERREIRA E.D.; MENEZES T.M.O. Comunicação da Enfermeira com Pacientes Portadores da Câncer Fora de Possibilidade de Cura. Rev. enferm. UERJ, Rio de Janeiro, 2010 jan/mar; 18(1):86-91. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDEF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=18407&indexSearch=ID>. Acessado em: 10/09/2011
11. (JUNIOR, A S; ROLIM, L C; MORRONE, L C; *O preparo do médico e a comunicação dos familiares sobre a morte*; Rev Assoc Med Bras 2005; 51(1): 11-6)
12. ARAÚJO MMT, Silva MJP, Francisco MCPB. The nurse and the dying: essential elements in the care of terminally ill patients. Int Nurs Rev. 2004;51(3):149-58.